

CÉSAR LATTES

“EINSTEIN É UM DÉBIL MENTAL, UMA BESTA”

Carlos Rangel

“H” A homens que se habituaram a ganhar o pão de cada dia com a teoria da relatividade de Einstein, e agora não conseguem botar na cabeça outra idéia e aceitar uma teoria nova”. O cientista César Lattes, 55 anos, a caminho de seu sítio abandonado em Perdópolis, Niterói, não estava para gracejos. As 7h15m, no Hotel Paissandu, onde fica há anos quando vem ao Rio.

Mas, a despeito da gripe, ele se sentia como um atleta vitorioso, embora exausto, depois da maratona na noite anterior, quando apresentou sua tese na Academia Brasileira de Ciências. Sacudiu a chamada comunidade científica com um pontape no princípio da relatividade — “algo que não leve a sério nem quando era aluno” — e virou as costas ao teorema de Lorentz sobre a propagação da luz e das ondas eletromagnéticas.

Se fez uma exigência para a entrevista tão matinal — um buquê de flores para a mulher, Dona Martha — acrescentou outras frases desconcertantes e críticas ao comportamento de algumas pessoas que estiveram no auditório da Rua Anônimo de Carvalho, uma via de direita do prédio do MEC.

“Eu esperava, pelo menos, que fizessem perguntas em português. Esse pessoal de tanto falar americano acaba por se confundir, utilizando aparelhos importados e que não sabem manipular”.

“Foram interrupções raivosas, em nível pouco acadêmico. Mas, para falar a verdade, eu esperava mais polêmica e discussão. Afinal, além da minha equipe, apresentou-se também uma teoria que acaba com a Mecânica Quântica, da autoria do professor Vincent Buonamano meu colaborador em Campinas. O professor Jayme Tiomno foi muito galante em tentar defender Einstein. Lamento que não o fizesse por escrito: E eu cedi 20 minutos do meu tempo para que expusesse o seu ponto-de-vista”.

“Estamos às vésperas de uma revolução na Física, o que não aconteceu desde 1900. Nunca levei em conta a teoria da relatividade, mas não tinha como provar”.

César Lattes não esconde ter obtido o que

pretencia, mais do que a repercussão nos jornais, agora a discussão (aqui apaixonada) num restrito meio científico, e depois a adesão que chega de várias partes do mundo, através de cartas, telegramas e telefonemas internacionais no meio da madrugada, para o hotel na Praia do Flamengo.

“Não dei tudo o que podia dar durante a reunião na Academia. Foi uma sessão em que procurei ser o mais empírico possível e não chutar um dado sequer. Não era um encontro para dizer: “Eu acho isso ou aquilo.” O teórico é um tipo preconceituoso. Fica zangado quando aparece alguém com certos resultados. Sente-se ameaçado de perder o emprego”.

Lattes começa a se animar: seis cigarros fortes dos quais arrancou o filtro e três xícaras grandes de café puro com muito açúcar servidas no hall do hotel, entre pensamentos intercalados, como é o seu jeito — um estilo antigo muito longe de se supor que se possa estar diante de um cientista alienado: “A manhã está maravilhosa.” “Sim, houve uma abertura no Governo Figueiredo.” “Prefere falar de mulheres?”. “O Senador Paulo Brossard não passa do Trotsky da Revolução Russa.”

Ele sabe que o repórter — para o qual dissertou há 20 anos durante uma hora sobre o que acontece com a trajetória e, queda de uma tampinha de coca-cola — não está entendendo patavina de sua teoria, assim como muitas outras pessoas com título de PhD, presentes à sessão extraordinária na Academia.

Ele se mostrou também nervoso e pediu três vezes para tirar o paletó e arregaçar as mangas, como se fosse duelar com o auditório. E se o ouvinte está incluído na categoria dos leigos, mesmo que traga um gravador, o melhor é entrar na atmosfera de fantasia que o cientista cria deliberadamente. O esboço de sua tese leva a assinatura também do faxineiro.

“Ele contribuiu mantendo limpo o laboratório”.

E no resumo ele fala sobre a transformação de Gaúcho. Ontem, explicou que, de fato, é homenagem ao seu cachorro falecido. Conviveu com ele por 13 anos. Agora tem um perdigueiro que leva o nome de Chico Buarque.

Lattes negou que tenha considerado o pessoal da PUC, do Rio, incompetente. O instrumental utilizado pelo Observatório Astronômico é que é deficiente. Quanto ao professor Jayme Tiomno, que o contesta defendendo Einstein, Lattes afirma:

“Suas refutações não foram muito elaboradas, apenas impressões. Não me convence-

ram. Alguns fatos, trivializados apenas, e outros dados meus apresentados, ele entendeu mal. Concluiu que eu refuto Newton. Muito pelo contrário. Ora, não dá, com todo o respeito que lhe tenho. O melhor e que fizesse uma comunicação à Academia, por escrito, como lhe propus. E, depois, o Observatório Nacional não observou nada porque está olhando na direção errada — Leste-Oeste. Não tem condições de ver nada. E, assim, os dados experimentais que Tiomno trouxe não são confiáveis. E a minha interpretação é que Newton e Galileu continuam em primeiro plano, e quem “entra pelo cano” é Einstein e Lorentz”.

O sítio em Niterói adquirido em 1952 estava abandonado. São 55 mil metros quadrados herdados, e a telefonista Maria Cristina, do Hotel Paissandu, acaba de ser designada como administradora. Lattes retoma a conversa e diz que continua trabalhando em Campinas e que “a USP como Universidade é muito fossilizada”.

Enquanto estiver vivo, continuarei pesquisando. A interação com os alunos e renovadora. Enquanto eu não estiver gaza, continuarei trabalhando. Meu salário é de Cr\$ 130 mil, gasto só metade”.

César Lattes a seguir mostra com gestos que sua teoria é simples: “O movimento retumbe e uniforme da Terra, em relação às galáxias, altera os fenômenos físicos, e portanto os fenômenos naturais que acontecem num laboratório. A Terra muda a cada 24 horas siderais. Portanto, os fenômenos físicos naturais da Terra estão modulados por esse movimento. Então, você se deita numa cama, e sente isso aqui na cabeça (faz pressão com os dedos na testa), e 24 horas depois sente isso aqui (e mostra outro ponto na cabeça). Isso modula você, como modula o estado sólido e modula o metrô de Paris. E pode até mesmo afetar os reatores e demonstrar que não tem segurança, porque não levaram em conta esses fatos”.

O garçom David traz mais café para o hospede famoso. “A experiência científica no planalto de Chacaltaya, na Bolívia, está muito bem. Agora precisamos conseguir 2 mil toneladas de chumbo. Os russos ofereceram e, depois de terminada a experiência, devolvê-remos”.

Em maio do ano passado, o cientista começou a trabalhar na tese, “quando o meu genro pediu para explicar como funcionava a refulcila de fração; e então cheguei à conclusão de que o conceito de simultaneidade relativa de Einstein leva a contradições”. Em setembro, Lattes montou a experiência em Campinas. A entrevista termina com um depoimento sobre Einstein:

“Ele apenas deu um chute em gol. Acho que era débil mental. Mas o débil mental, às vezes, enxerga coisas que outros não enxergam. Deu dois chutes em gol: teoria do eletro fotoelétrico e teoria do corpo negro, a base da Mecânica Quântica. Mas no resto eu acho que ele é uma besta, mau pai, mau marido, sem amigos. Morreu so. Botava uma meia por metade, não pagava as contas direito, um excêntrico. Não é possível ser excêntrico”, concluiu César Lattes.

A saída do hotel, o cientista disse ainda esperar uma grande abertura na ciência. “A rapaziada vai deixar de ser hippie, e voltar a ser bastante conservadora; mas pra frente, mais aberta, conservando o que é bom. Tenho imensa fé nesta mocidade e também em alguns velhos. Chega, agora preciso ganhar meu dia, e seguir para Niterói”.

"Einstein era meio debilóide. Não usava meias no verão e é no verão que se deve usar meias, por causa do chulé"

O que ele tira daí eu não sei. O problema é que ele não estava querendo entrar na universidade, porque o *Caúcho* deve ter marcado toda a área com taxi e o *Chico* não pretendia invadir território alheio. O *Chico* é do tipo de cão usado só para apontar a perna. O *Caúcho* era mais completo: apontava e trazia a presa, mesmo que fosse um ovo. Tinha a boca macia.

— Além dessa virtude, consta que o Seu Caúcho foi para o senhor uma prova e fez dois erros de Einstein, não?

— De fato, o *Caúcho* era pontualíssimo. Nunca me chamou para o jantar sempre a mesma hora e não sabia ler relógio. La pelo tempo da natureza e não estava ligando para aquela convenção de Einstein sobre como se deve sincronizar os relógios. O tempo não pode ser confundido com o número e o mede. Pode-se sincronizar mais os relógios, como fazia Einstein, e se perder o trem. Pode-se até sincronizar mal de uma maneira consistente. Os relógios só parecem ser sincronizados. Eu chamo isso de variável *fajuto* do tempo.

— O professor Lattes volta e meia está nos noticiários dos jornais, como agora, quando contesta Einstein...

— Não é culpa minha. Sou, essencialmente, um professor. A pesquisa é uma tara. Acontece que os problemas aparecem e eu sou um bom observador, um bom experimentalista. Além disso, estava parado há sete meses, desde a morte de meu querido cachorro, quando telefonei para minha velha mãe, que está cega e parálitica.

Ela-me perguntou: "Como vá o trabalho?" Eu disse a ela que ia bem, mas a verdade é que não estava fazendo um "cazzo"... No dia seguinte, cheguei aqui e pedi a meu auxiliar Chincinato para montar novamente a experiência e simplesmente confirmamos o que já havíamos demonstrado em setembro do ano passado, com uma diferença explicável pela irradiação da posição da Terra.

— Não há dúvida nenhuma de que o senhor contestou Einstein?

— Contesto basicamente o postulado da relatividade. Vamos ver a famosa frase do Einstein? Cadê meu livro? (Abre a pasta). Bem, não está aqui. O negócio é o seguinte: Einstein dizia que os fenômenos físicos não dependem do referencial de inércia, mas são os mesmos para todos os referenciais. Ora, estamos obtendo aqui um fenômeno físico que depende da velocidade da Terra, que pode ser considerada a cada instante como um referencial inercial. Podemos até fazer a seguinte experiência: em vez de esperar que a Terra gire, para que o aparelho encontre a velocidade da Terra sob ângulos diferentes, viramos a mesa. É uma coisa mais delicada, só fizemos uma vez — mas aí fica mais claro esse referencial.

— O senhor acha que outros laboratórios poderão repetir sua experiência com resultados mais acurados?

— Sim, poderá obter-se a velocidade absoluta da Terra com 5 ou 6

casas decimais num laboratório de tecnologia, ou num observatório astronômico. Aliás, o diretor do observatório me telefonou meio angustiado há dois dias dizendo que não estava conseguindo obter o mesmo efeito com a experiência. Perguntei: será que a luz foi posta na direção leste-oeste? Ele disse que sim. Então falei a ele para girar o aparelho 90°, na direção Norte-Sul. O efeito se obtém nessa direção. Também contestei Einstein ao provar que a simultaneidade não é relativa, mas absoluta. Foi por aí que eu zurei. Ao explicar a meu genro como funcionam os fenômenos de interferência, verifiquei que a condição de interferência tem um máximo objetivo no observador — e isto todos os observadores concordam. Provei que a propagação da luz, para o laboratório terrestre, não é a mesma em todas as direções — e isso era proibido pelo princípio da relatividade. Mostrei também que, para se entender isso, é preciso retomar o conceito de simultaneidade absoluta, que foi abolido da física por Einstein.

— O senhor disse recentemente que Einstein tinha uma teoria bonita, nada mais do que isso.

— É bonita porque era ortogonal, fácil de se dar, mas que era perversa. Os resultados dele devem ser obtidos a partir de resultados experimentais e pode-se obter esses resultados sem o princípio da relatividade, que está errado para a ótica física.

O futuro da Teoria da Bola de Fogo

— Mas a teoria de Einstein já virou dogma...

— Virou, mas esse dogma está tremendo nas bases. Há pouco tempo uma senhora de idade me mandou um artigo das *Seleções* onde Einstein dizia que só em 1981 se saberia se sua teoria era verdadeira. E aí perguntaram a ele: "Mas o que vai acontecer então?" Einstein disse: "Ah, se eu estiver certo, os alemães vão dizer que eu sou alemão, os judeus vão dizer que eu sou judeu. Se eu estiver errado, os judeus vão dizer que eu sou alemão e vice-versa." Bem, ele estava errado. Me perguntaram se eu estava contra Einstein por ser ele judeu. Ora, eu tenho um terço de sangue judeu. Nada tenho contra os judeus. Só contra Wall Street.

— Professor, e o seu trabalho no planalto de Chacaltaya, na Bolívia...

— Espero que os russos me ajudem a obter parte das 2.000 toneladas de chumbo de que preciso para continuar as experiências na Bolívia. Mas acho que podemos continuá-las com meios nossos, levantando o suficiente para a compra de pelo menos mil toneladas — e aqui aproveito para apelar a Adolpho Bloch, que é benemérito das ciências. Comprar chumbo, hoje, é como comprar ouro. Edson, por favor! (Lattes chama seu auxiliar, esmurando a parede de sua

sala para saber o preço do chumbo. Edson não o escuta.)

— Isso aqui tem que ser atacado dos dois lados, para que a secretaria tenha acesso à chefia e ao almoxarifado. As paredes têm que ser abertas por dentro. Lembro agora daquela piada do grego especialista em exercícios sexuais que foi chamado por uma americana insatisfeita. Seu preço era 500 mil dólares. Acertado o pagamento, a americana perguntou por onde ele ia começar. O grego respondeu: "Peijando-lhe o umbigo." A americana ficou frustradíssima. O grego logo esclareceu: "Mas é por dentro, minha senhora..." Essas paredes vão ser furadas por dentro, também.

— Poderia resumir, em linhas gerais, suas famosas experiências em Chacaltaya?

— É a utilização do fluxo de grande energia da radiação cósmica para se estudar interações fortes da matéria, principalmente a produção múltipla de partículas, na qual obtivemos inicialmente três estados intermediários que os jornalistas genericamente chamam de Bola de Fogo, com massas de até 500 milhões de eletrons, que serão confinadas com a nova geração de aceleradores. Mas não vou lá há dez anos. Irei este ano para as comemorações do 150.º aniversário da Universidade Maior de Santo Andrés. Vou também buscar cigarros bolivianos, que são melhores do que os nossos. O problema é que eles são muito pobres, apesar das universidades deles serem mais antigas que as nossas. Estou agora cantando a FIAT para nos doar um caminhão com tração de montanha. Não é mole ter que descer a pé quase 20 quilômetros, como fiz em 1967. Eu estava seguindo o guia boliviano e não quis esmorecer. Fui até o fim. O resultado foi que acabei afundando a dentadura no maxilar. Se nos derem o caminhão, deixamos fazer propaganda lá no alto, no meio da neve. Também vou cantar o Bloch para me ajudar a fazer a Fundação da Mantiqueira, para o estudo, a pesquisa, o ensino e a aplicação da filosofia natural, com sedes em Itatiaia e Ouro Fino.

— O senhor fuma cigarros sem filtro?

— Sempre sem filtro. Este é fabricado por um italiano aqui no bairro.

— Como vai a saúde?

— Fiz exame de sangue, a pedido do meu psiquiatra, que me receitou estrofinina para minha depressão. Estava deprimido pela morte do cachorro e minha família não encontrou meios para substituir o afeto do *Caúcho*. Eu simplesmente pifei, quase não comia e não estava mais interessado em trabalhar.

— Sua vida familiar é tranqüila, professor?

— Nem sempre. De vez em quando preciso dar umas latidas. Minha mulher é pernambucana e faz sempre o contrário do que eu peço.

— Acabou nessa história de que todo cientista deve ser alienado para desempenhar seu ofício?

— Em primeiro lugar, não sou cientista por vocação. Sou professor. Mas não é preciso ser alienado para ser cientista.

— Não é verdade que o Einstein era enganado nas contas pelo quitandeiro?

— Ah não sei. Mas sei que ele era meio debilóide. Einstein não usava meias no verão. E é no verão que se deve usar meias, por causa do chulé.

— Há duas semanas, quando o senhor anunciou pela tevê sua descoberta, uma frase ecoou no ar em todo o Brasil, via Embratel: "Não me encham o saco." É um equivalente nacional do "I want to be alone", da Creta Carbo?

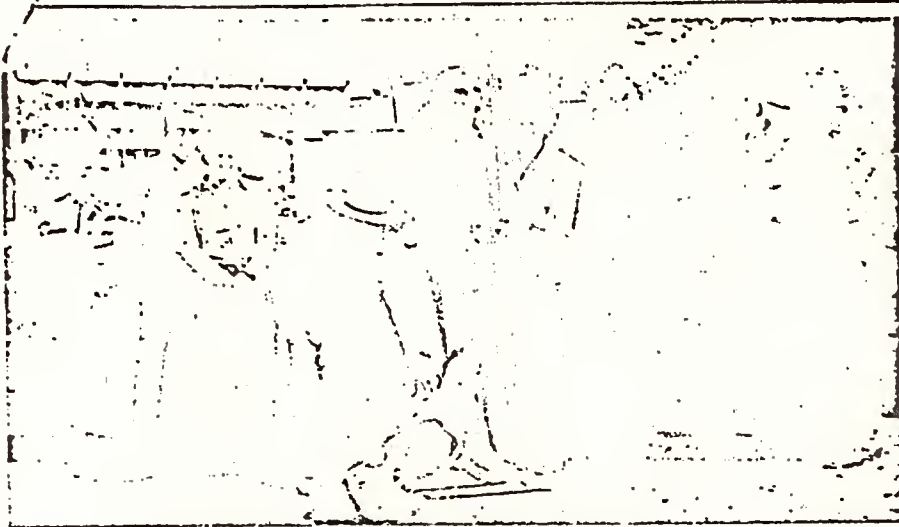
— Não foi bem como editaram. Eu disse: "Certamente serei criticado por dar entrevista antes de publicar o trabalho. Em primeiro lugar, não tenho culpa de vocês terem aparecido para me filmar no seminário. Uma vez que vocês filmaram, vou dar entrevista. E se alguém me criticar vou dizer: "Não me encham o saco e vão sifu." Esse foi o contexto certo da expressão. Eu não quis agredir o repórter, mas apenas os que iam me criticar por dar entrevistas.

— O senhor esperava tanta repercussão?

— É claro. Trata-se de um trabalho revolucionário. E Einstein era muito popular. Afinal, são cem anos de física dogmática e é preciso alterar os livros. Esperava mesmo que a platéia ficasse



Lia Helena Radicati Laboratory University of California



Lattes, seu novo cão, Chico Buarque, e sua equipe, o time com que ele enfrenta, de peito aberto, Einstein e a Teoria da Relatividade.

estatelada. Vai levar ainda alguns meses para que os resultados sejam confirmados internacionalmente por laboratórios independentes. Eu até apostei uma garrafa de cerveja com o diretor do maior laboratório dos Estados Unidos, desafiando-o a repetir, usando outras variáveis. E uma forma de estimulá-los a trabalhar. Só posso dizer que nossos resultados são honestos, não houve macumba. Há uma pergunta que Santo Agostinho responde com um raciocínio complicado: Deus pode fazer com que uma coisa deixe de ter acontecido depois de ter acontecido? Ele conclui que não, porque senão não adiantava dar ao homem o livre arbítrio. Se Deus não pode fazer isso, então nosso efeito está aí. Ninguém pode provar que ele já existia do ponto de vista lógico. O materialista dialético vai dizer que sim, porque afirma que há uma reali-

dade objetiva independente do homem. Já o positivista vai dizer que foi a vontade de Deus que fez os resultados aparecerem agora. Não me interessa. Tanto o positivismo como o materialismo dialético chegam à simultaneidade absoluta, ao tempo e ao espaço absolutos. Aliás os materialistas dialéticos russos, inclusive o Lênin, criticavam asperamente Einstein. Mas depois arriaram as calças. Na União Soviética passou a se ensinar Einstein nas escolas. A relatividade, porém, está superada.

— *Professor, essas escaramuças entre cientistas não passariam de um jogo de vaidades? A pergunta que o leigo faz é a seguinte: qual é a consequência prática dessas descobertas para a humanidade?*

— Vamos lá, vejamos os objetos que a Universidade de Campinas poderia patentear, baseada na nova teo-

ria. O efeito é máximo na direção Norte-Sul — poderia se fazer uma bússola precisa que dê o Norte-Sul geográfico. O efeito depende da estação do ano e da hora do dia — seria fácil fazer-se um relógio-calendário. Ele permite medir num porão a velocidade absoluta da Terra. Então a espaçonave de nossos netos ou bisnetos, lá pelo século XXI, terá um velocímetro absoluto. Até agora só existem acelerômetros. Todos os sólidos, todos os cristais que estão em crescimento sentem esse movimento da Terra de rotação em torno do eixo e a revolução em torno do Sol. Todos os fenômenos vivos sentem isso. O efeito é grande, da ordem de 1%. Isso abre um campo completamente novo. Acho que se pode chegar a um ponto onde vamos entender até os remédios vegetais e a ação dos curandeiros. Só duvido que possamos vir a entender os horóscopos...

Uma mancada antiga de Albert Einstein

— *Pelo que dá para entender, o relativismo é tão relativo que se torna absoluto...*

— Mais ou menos. O movimento relativo da Terra em relação ao do Sol pode ser calculado, mas o Sol está se movendo e aí vamos obter a velocidade composta do movimento da Terra em torno do Sol mais a velocidade do Sol, mais a velocidade das galáxias, no grupo das galáxias etc. Aí se tem o absoluto.

(Chico Buarque tenta passar debaixo das pernas do repórter para chegar perto de seu dono. Lattes tira o chapéu roto para ser convenientemente lambido).

— Isso aqui foi do meu pai. Ele morreu dia 3 de setembro de 1975, de acordo com o atestado de óbito. Eu estava na Itália e não vi ele morto nem me foram descritas as circunstâncias de sua morte. Deixei-o em boa saúde, em condições de andar toda a Avenida Paulista para ver minha mãe no hospital. Estava fazendo tratamento com o qual eu não concordava, pois o médico dizia que ele era paranoico. Papai era piemontês. Veio para o Brasil aos 19 anos, começou uma firma, mas depois baixou o patriotismo e ele foi para a guerra. Ele e minha mãe me ensinaram muita coisa. Aliás, meu trabalho é dedicá-lo... Me dá essa folha de

papel aí. Veja só. Meu trabalho — *Propriedades da Propagação de Ondas e Corpiúsculos no Espaço-Tempo* — é assinado por Miss Tranqüila Fontana, que foi minha babá, e por Arthur Caucho. E é dedicado a: Tino (Giuseppe, meu pai), Lina (Carolina, minha mãe), Dino (Davidino, meu irmão), Primo e Secundo (meus tios gêmeos), Chico Formacchia (marido de minha babá), Tom e Preenina (os cachorros de minha infância) e Ming e Angelina (meus gatos). O trabalho vai sair publicado com essa dedicatória.

— *Como vai o país hoje, professor?*

— Acho que ainda precisando de uma Constituinte. A abertura realmente está acontecendo. Eu dei uma entrevista recente confessando que sou a favor do comunismo nacionalista. O jornalista que publicar isso não corre o risco de ser preso. Muito menos eu.

(A entrevistista continua na casa de Lattes, dentro do campus universitário. É uma casa de bom padrão, com piscina e jardim. Na sala, há dois Portinari. Lattes pede à esposa, dona Martha, que traga uma fotografia de toda a família que serviu de cartão de Natal no ano passado. Nela, o casal aparece ao lado das quatro filhas e dos três netos).

— *O professor não sente a falta de um filho homem?*

— Muito. Mas ainda não desisti. Minha mulher já está na menopausa, mas há muitos ventres por aí. Eu agora estou interessado numa índia paraibana que trabalha de telefonista num hotel. Tem uns bons paráchoques dianteiros e traseiros.

— *Voltando a Einstein, professor, ele ainda é o Pelé da Física, apesar de tudo?*

— É uma comparação curiosa. O Einstein fez um belo gol com a Teoria do Efeito Foto Elétrico, que lhe valeu o Prêmio Nobel, mas não foi uma grande teoria, porque ele simplesmente esqueceu a propriedade modulatória da luz e fez o que Planck poderia ter feito. A teoria mais bonita do Einstein — o gol de placa — foi a da Radiação do Corpo Negro, que é base da mecânica quântica, do laser etc. Mas, assim como o Pelé, deu alguns chutes fora — o Pelé dizendo, por exemplo, que o povo brasileiro não está preparado para votar, o que é uma balela. Einstein declarou que o movimento do laboratório terrestre não influiu nos fenômenos físicos desde que fosse uniforme. Isso está errado e nossas experiências assim comprovam. E se Einstein fosse vivo ele rejeitaria essa sua teoria. Outro chute fora do Pelé foi dizer que patrões e empregados deviam rezar juntos para não haver greves. O equivalente disso em Einstein foi dizer que a simultaneidade é relativa. Na verdade, Einstein defecou fora da privada em cima do tapete persa da Física, que é a ótica. Quero dizer que o povo apelidou Pelé de Rei mas eu sou contra a monarquia. Bom mesmo era o Garrincha, a alegria do povo. ■



Lattes e o Dr. Eugene Gardner (já falecido) na época em que os dois produziram o primeiro méson, em 48. Uma façanha revolucionária, que teve ampla repercussão em todo o mundo científico.